

חסילת ישרים

0
Caminho
dos
Justos

Moshe Chayim Luzzatto



A tradução desta obra está baseada no livro

THE PATH OF THE JUST

Copyright © 1966, 1990 by Boys Town Jerusalem and Yaacov Feldheim

Direitos exclusivos de edição desta obra
em língua portuguesa adquiridos pela

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

Tel. 3826-1366 Fax 3826-4508 sefer@sefer.com.br

Livraria Virtual: www.sefer.com.br

Em parceria com

OR ISRAEL COLLEGE

Rua Gen. Fernando V. C. Albuquerque, 1011 - 06711-020

Granja Viana - Cotia - SP - Brasil - Tel.: 4612-2450

Tradução	Sergio M. Cernéa
Edição Final	David Gorodovits
	Rabino Raphael Shammah
Editoração Eletrônica	Editora Sêfer
Projeto Gráfico e Capa	Dagui Design
Impressão	Sumago Editora e Gráfica

Nota: Nesta obra, as citações da Torá foram extraídas do livro TORÁ – A LEI MOISÉS, do Rabino Meir Matzliah Melamed (Editora Sêfer, 2001); dos Salmos, do livro SALMOS - COM TRADUÇÃO E TRANSLITERAÇÃO, de David Gorodovits, Vitor Fridlin e Jairo Fridlin (Editora Sêfer, 1999)

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

2002

ISBN 85-85583-31-2

Printed in Brazil

ÍNDICE

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA.....	9
INTRODUÇÃO DO AUTOR	15
1. O DEVER DO HOMEM NO MUNDO	21
2. A PRECAUÇÃO	27
3. OS ASPECTOS DA PRECAUÇÃO	29
4. COMO ALCANÇAR O SENSO DA PRECAUÇÃO	33
5. OS FATORES QUE IMPEDEM A AQUISIÇÃO DA PRECAUÇÃO	41
6. A PRESTEZA	47
7. AS DIVISÕES DA PRESTEZA	51
8. AS MANEIRAS DE ALCANÇAR A PRESTEZA	55
9. OS FATORES QUE NOS DESVIAM DA PRESTEZA	57
10. O CONCEITO DE INTEGRIDADE	61
11. AS PARTICULARIDADES DO CONCEITO DE INTEGRIDADE	65
12. OS MEIOS PARA ALCANÇAR A INTEGRIDADE	93
13. A SEPARAÇÃO	95
14. AS DIVISÕES DA SEPARAÇÃO	101
15. OS MEIOS PARA ALCANÇAR A PRÁTICA DA SEPARAÇÃO	103
16. A PUREZA	105
17. OS MEIOS PARA ALCANÇAR A PUREZA	109
18. A DEVOÇÃO	111
19. AS DIVISÕES DA DEVOÇÃO	115
20. AS PONDERAÇÕES SOBRE A DEVOÇÃO	135
21. OS MEIOS PARA ALCANÇAR A DEVOÇÃO	139
22. A HUMILDADE	143
23. OS MEIOS PARA OBTENÇÃO DO PREDICADO DA HUMILDADE	151
24. O TEMOR DO PECADO	155
25. A MANEIRA DE CONSEGUIR O TEMOR DO PECADO	161
26. O ATRIBUTO DA SANTIDADE	163

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O Rabino Moshe Chaim Luzzatto, o **Ramchal**, assim conhecido por suas iniciais em hebraico, foi uma das figuras mais extraordinárias da nossa história. Nascido em Pádua, na Itália, em 1707, revelou ainda criança sua verdadeira genialidade no estudo da Torá. Aos 11 anos de idade, já dominava totalmente o Talmud e, aos 14, escreveu o livro *Lashon Limudim*. Também muito jovem, exatamente aos 13 anos, mergulhou no estudo da Cabalá a partir das obras do Ari ^{z"l}, e seu talento fez com que se tornasse um dos grandes cabalistas de todos os tempos.

Como havia ocorrido séculos antes com Maimônides, também o Ramchal foi um dos eruditos mais polêmicos e discutidos de sua geração. Sua extrema capacidade, especialmente no campo do misticismo judaico, chegou a levantar desconfiança entre os estudiosos, pois vivia-se a época posterior à dos falsos messias – Reuveni na Itália e Shabtai Tsvi na Europa Oriental – e as desastrosas deturpações espirituais que produziram ainda traziam à tona a profunda cautela da comunidade rabínica.

O Ramchal integrava o grupo erudito *Mevakshei Hashem*, de Pádua, que dedicava-se ao serviço Divino e ao estudo da Cabalá. Neste ambiente estimulante, escreveu livros não só defendendo o estudo do misticismo judaico mas, também, obras como *Adir Bamarom* e *Daat Tevunot*, que abordam os mistérios da Providência Divina, da salvação e dos *Meshichim*. A natureza inovadora e rica de seu trabalho levou outro membro do grupo a mencioná-lo, talvez de modo algo descuidado, em uma carta enviada a um sábio de Vilna, o Rabino Mordechai Yafe. O Rabino Moshe Haguiz, de Altuna, outro famoso sábio da época escreveu aos sábios de Veneza, exigindo que acabassem com os “perigosos” *Mevakshei Hashem* e, também, aos rabinos de Ancona, para que investigassem o Ramchal “da cabeça aos pés”, pois havia sido informado de que ele, o Ramchal,

receberia mensagens de um *Maguid* (anjo) que, por sua vez, lhe revelaria segredos místicos.

As cartas fizeram com que os líderes religiosos italianos se dirigissem ao mestre do Ramchal, o Rabino Yaacov Bassan, pedindo-lhe que limitasse as atividades de seu jovem e brilhante discípulo. Em consequência, o Rabino Moshe Chaim Luzzatto foi obrigado a assinar um documento permitindo que seus trabalhos fossem escondidos e comprometendo-se a “parar de estudar com o *Maguid*”.

Não foi o bastante. As sanções da comunidade rabínica local contra o Ramchal continuaram até tornarem-no objeto de um *Cherem*, ou carta de excomunhão. Nesta situação dolorosa e injusta, ele deixou Pádua e seguiu para Amsterdã, esperando encontrar um ambiente receptivo às suas ideias e ao seu trabalho. Apenas mais tarde se tornaria claro que o alto rabinato da Itália e de alguns outros países europeus havia se deixado tomar pelo medo frente à postura inovadora do Ramchal, e que, na verdade, era um ilustre estudioso que viria a iluminar o caminho de gerações futuras.

Dentro do contexto religioso da época, não é impossível compreender-se as razões que determinaram intolerância e medidas extremadas contra o Ramchal. O risco da difusão de um misticismo pernicioso supostamente “judaico” ainda tumultuavam os meios rabínicos. Mas, com o tempo, a verdade emergiu mais forte do que nunca, e o Ramchal foi consagrado como um dos sábios mais importantes de todas as gerações. Seus livros são tratados até hoje como fontes de referência no estudo da nossa Torá.

Como muitos dos líderes da nossa história, o Ramchal acalentava o sonho de morar na Terra de Israel, para poder se aproximar ainda mais de Deus. E assim fez, indo morar na cidade de Aco. Porém, três anos depois de sua chegada, faleceu precocemente aos 39 anos de idade, sendo enterrado na cidade de Tiberíades, ao lado do túmulo do Rabi Akiva.

CRÍTICAS AOS SÁBIOS DA SUA GERAÇÃO

Ao mesmo tempo em que se defendia com humildade (em carta ao seu mestre, o Rabino Yaacov Bassan) das acusações feitas contra sua pessoa e seus objetos de estudo, o Ramchal avaliava a situação espiritual de sua geração. Dizia que os homens se dedicavam ao estudo, mas não à essência

da vida. Mesmo os mais religiosos e sábios não procurariam a verdadeira integridade e a profunda devoção a Deus. Mas, em vez de simplesmente criticar e atacar, respondeu aos seus antagonistas escrevendo o magistral *Messilat Iesharim*, em português “O Caminho dos Justos”.

SOBRE O LIVRO

O Ramchal escreveu o *Messilat Iesharim* aos 33 anos de idade. Trata-se de um programa de vida dividido em etapas, dirigido aos que aspiram aprofundar sua devoção a Deus da forma mais pura. O livro foi aceito com o mesmo entusiasmo por religiosos ashkenazitas – inclusive os *Chassidim* – e sefaraditas.

O livro aborda todos os passos do homem ao longo da trilha que conduz a Deus, sem deter-se em considerações filosóficas ligadas à Divindade, tão comuns nas obras de estudiosos da Idade Média. Com rara sabedoria, porém, o Ramchal inclui tais considerações nas entrelinhas das descrições dos meios para se alcançar o aperfeiçoamento espiritual.

“O Caminho dos Justos” baseia-se no ensinamento do tanaíta Rabi Pinchas ben Iair, segundo o qual “O estudo da Torá leva à precaução; a precaução leva à presteza; a presteza leva à integridade... a santidade leva à inspiração Divina, e a inspiração Divina leva à ressurreição dos mortos”. O ensinamento começa falando de virtudes morais e termina com uma afirmação de caráter místico. Mas o Ramchal deixou a mística explícita fora deste livro, talvez devido à pressão que sofrera ainda em Pádua, talvez nos mostrando que, antes de se aproximar do universo do misticismo judaico, o homem já deve ter atingido o ponto máximo de seu aperfeiçoamento ético e moral. (Os Rabinos Iehuram, de Mir, e Yits’chac Hutner, eruditos da geração passada, afirmam, no entanto, que conceitos da Cabalá fazem parte de *Messilat Iesharim*, ainda que de maneira não explícita.)

O livro agrega referências das mais variadas fontes de nossa tradição, como o *Talmud* e o *Midrash*. É clara também a influência dos escritos de Maimônides em diversos conceitos, ideias e até em alguns termos utilizados pelo Ramchal. São famosas as palavras do Gaón de Vilna: “Se o Ramchal estivesse vivo, iria a pé visitá-lo e dele aprender o *Mussar* e a aquisição das virtudes”. Segundo o Gaón, que ao ler *Adir Bamaron* vestiu

roupas festivas e afirmou que o Ramchal havia entendido a verdadeira profundidade dos escritos de Ari ^{z"l}, o *Messilat Iesharim* seria o melhor dos livros do *Mussar*, sem conter sequer “uma única palavra supérflua”.

Referências honrosas não faltam ao livro. Conta-se que o Rabino Chaim de Volojin, fundador da famosa *Yeshivá*, ao despedir-se de seu aluno, o Rabino Zundel, de Salant, disse-lhe: “*Messilat Iesharim* deve ser sua bússola.” O Rabino Israel de Salant, aluno do Rabino Zundel e precursor do movimento do *Mussar*, encontrou no livro um dos alicerces básicos de sua doutrina.

Várias ideias e abordagens do *Messilat Iesharim* foram mais tarde desenvolvidas por importantes líderes chassídicos. O *Maguid* de Koznitz, autor do livro *Avodát Israel*; o Rabino Menachem Mendel, de Riminov, e o o Rabino Ohev Israel, de Apt, viram o livro como um valioso guia para a busca da perfeição do caráter e da alma. Empolgação semelhante foi demonstrada pelo Rabino Tsvi Elimelech, de Dinov, um dos grandes nomes do Chassidismo e autor do livro *Bne Issasschar*.

A VERSÃO ATUAL

A primeira versão do *Messilat Iesharim* foi publicada sob a forma de um diálogo entre um sábio e um *Tsadic*, uma discussão sobre o caminho que leva à verdade. A inspiração veio de outros livros do Ramchal, nos quais ele lançou mão do mesmo recurso de perguntas e respostas. Em busca de maior fluência e melhor compreensão dos temas abordados, a edição atual, escrita dois anos depois, foi dividida em capítulos, cada um deles contendo as etapas, ou os “degraus que levam à elevação espiritual” originalmente sugeridos pelo autor.

A forma original ficou desconhecida durante 240 anos mas pode-se notar claramente o paralelo entre os dois textos.

SOBRE O CONTEÚDO

É necessário frisar que este é um livro de estudo e não de leitura. E, como o próprio autor nos lembra na introdução original, o proveito virá após leituras e revisões sucessivas. É supérfluo dizer que o *Messilat Iesharim*

é um manual prático de moral e ética judaica, destinado a modificar nossa maneira de pensar e de agir, sempre com o objetivo de nos aperfeiçoar espiritualmente.

É importante também ter em mente que os níveis – ou “degraus” – mais elevados da escala espiritual podem não ser aplicáveis a todas as pessoas. O leitor observará que, no início do capítulo 13, o Ramchal nos diz: “Até aqui escrevi o necessário para o justo. Daqui em diante escreverei para o *Chassid* (aquele que vai além da obrigação). Em síntese, a primeira parte do livro trata do que é exigido de cada um de nós. A segunda parte dirige-se aqueles que querem elevar-se ainda mais e conhecer uma maior aproximação com Deus.

Embora o livro descreva vários degraus, ou etapas, não devemos aguardar a consolidação de cada uma delas dentro de nós para lermos a seguinte. A razão é tão bela quanto verdadeira: por estarmos constantemente galgando os degraus da escada das virtudes em busca de nosso aperfeiçoamento espiritual, é possível nos encontrarmos simultaneamente em mais de um degrau, graças à capacidade abrangente e dinâmica da nossa alma que busca um contato mais amplo e profundo com Deus. Por outro lado, abrindo mão de qualquer postura que se assemelhe a julgamento, é essencial descobrirmos e aceitarmos até onde podemos chegar – inclusive para que os capítulos iniciais, os primeiros passos, sejam realmente apreendidos em toda sua seriedade.

SOBRE ESTA TRADUÇÃO

Toda tradução é uma arte e, como toda arte, é um trabalho árduo. Isto se torna duplamente verdadeiro quando o livro em questão é um livro como o *Messilat Iesharim*, elaborado a partir de ideias profundas e enriquecido por citações e menções a fontes que, supostamente, são familiares ao leitor – o que nem sempre corresponde à realidade.

Por isto, a tradução original foi revisada e adaptada de forma a chegar ao coração e ao intelecto do maior número possível de leitores, inclusive aqueles que desconhecem o *Talmud* e o *Midrash*. É desnecessário ressaltar que a fidelidade ao texto do Ramchal foi mantida no sentido mais estrito do termo. Houve momentos, porém, nos quais a ordem das palavras de uma

sentença, por exemplo, teve que ser mudada em nome das características de nosso idioma. Mas procuramos sempre identificar a verdadeira intenção de cada termo usado pelo autor. Esperamos sinceramente ter conseguido.

Em muitas passagens, chegamos a comparar nossa tradução com o trabalho do Rabino Chaim Passy (de cuja tradução integral só tomamos conhecimento após a finalização desta edição), feito em homenagem às almas de Chaim ben Shemuel (Passy) ^{z"l}, Frida bat Hava (Passy) ^{z"l} e Iehuda ben Iossef (Kalili Boukai) ^{z"l}. Agradecemos imensamente sua colaboração.

Apesar de todos os cuidados, porém, é possível que a tradução, feita do inglês, contenha palavras ou trechos que levem a interpretações não exatas. Diversas revisões e comparações foram realizadas mas, mesmo assim, talvez tenham ocorrido pequenos enganos. Por eles, nos desculpamos antecipadamente perante o leitor.

Esperamos que o estudo de todos aqueles que se aprofundarem neste livro traga a paz e a calma na Terra de Israel, e o fim das feridas do povo de Israel , com a época da Salvação em breve, em nossos dias. Amén.

Nissan 5762.

Rabino Raphael Shammah

Bibliografia:

“Mussar Viyud”, Meir Myara, 1997, Jerusalém.

“Or Haganuz”, Mordechai Shenki, 1996, Jerusalém.

INTRODUÇÃO DO AUTOR

Afirma o autor: Não escrevi este livro para ensinar algo novo, mas sim para lembrar assuntos já conhecidos e até evidentes para a maioria das pessoas e que nem sequer despertam dúvidas. Mas, por serem do conhecimento de todos, seu esquecimento ou negligência é bastante frequente. Portanto, os benefícios a serem extraídos desta obra não advêm de uma simples leitura pois, ao terminá-la, é possível que o leitor conclua pouco ter aprendido. Seus benefícios virão, porém, de sua revisão e de seu estudo persistente, através do qual ser-lhe-ão lembrados temas que, por sua natureza, as pessoas costumam esquecer e o farão ter em mente deveres dos quais tende a descuidar.

Uma análise das atitudes comportamentais mostrará que a maioria das pessoas dotadas de elevada inteligência e mente perspicaz direciona seus pensamentos, preferencialmente, para sutilezas do conhecimento e análises especulativas sobre temas que estejam no âmbito de seu interesse natural. Alguns voltam todo seu empenho para o estudo da criação e da natureza. Outros dedicam sua atenção à astronomia e à matemática, enquanto outros ainda têm interesse nas artes. Existem também aqueles que procuram se aprofundar nos estudos de questões sagradas, no estudo da Torá, alguns se ocupando de discussões Haláchicas; outros com *Midrash* e outros com questões jurídicas. Há muito poucos, entretanto, que dedicam seu pensamento e seu estudo para o aperfeiçoamento do serviço Divino – ao amor e temor do Eterno, sua ligação pessoal com Ele e todos os demais aspectos da elevação espiritual. Isto, não por considerarem tal conhecimento desnecessário; se questionados a respeito, todos sustentarão que se trata de assunto de tal importância que não poderá ser considerado verdadeiramente sábio quem não estiver adequada e claramente versado naqueles conhecimentos.

A falha em não dedicar mais atenção a este tema provém do fato de lhes parecer tudo tão evidente e óbvio que não veem necessidade de desperdiçar mais tempo com tais questões. Resulta daí que o estudo e a leitura de trabalhos desta natureza têm sido relegados àqueles considerados menos esclarecidos e até possuidores de uma inteligência um tanto quanto limitada. Só estes últimos poderão ser vistos imersos, constantemente, no estudo da santidade.

Em função disto, aqueles que mantêm uma conduta santificada são, muitas vezes, consideradas pessoas ignorantes. Tais circunstâncias acarretam péssimas consequências, tanto àqueles que são dotados de sabedoria como àqueles que dela são desprovidos, causando a ambos uma carência da verdadeira santidade, tornando-a extremamente rara. Ela falta aos espertos devido à sua limitada consideração, e aos tolos, em razão de sua limitada compreensão. O resultado é que a santidade é interpretada pela maioria como o hábito da recitação contínua de Salmos, longas confissões, penosos jejuns e banhos purificadores em gelo e neve – sendo todos estes procedimentos incompatíveis com o raciocínio lógico e difíceis de ser aceitos como um comportamento normal.

A NECESSIDADE DO ESTUDO

Na verdade, a santidade desejável não pode ser facilmente conceituada por nós, em consequência de não nos preocuparmos com este tema nem concedermos-lhe lugar em nossa mente. Embora os princípios e fundamentos da santidade estejam implantados no coração de cada pessoa, se ela não se aprofundar neles e estudá-los cuidadosamente, experimentará e testemunhará detalhes de santidade sem reconhecê-los e os passará por eles sem perceber. Os sentimentos de santidade, temor e amor a Deus e a pureza de coração não estão enraizados na pessoa de forma natural a tal ponto que não necessite esforços para adquiri-los.

Neste sentido, eles diferem de reações naturais, tais como dormir e despertar, sentir fome e saciedade, por exemplo, que estão inculcadas na natureza da pessoa, e o fazem usar os vários métodos e dispositivos necessários para satisfazê-las. Além disto, não faltam impedimentos e obstáculos que afastem a santidade da pessoa; mas, em contrapartida,

não faltam maneiras pelas quais tais empecilhos possam ser mantidos à distância. Como se pode, então, conceber não ser necessário aplicar tempo (de estudo e análise) para conhecer as maneiras pelas quais estes sentimentos podem ser desenvolvidos e incorporados a nossa realidade? Como pode esta sabedoria penetrar no coração de uma pessoa se ela não a procurar? E, como a sabedoria de qualquer pessoa reconhece a necessidade de perfeição, pureza e apuro no serviço Divino, qualidades sem as quais ele se torna não somente inaceitável, mas até mesmo repulsivo e desprezível – pois “Deus prospecta todos os corações e compreende a inclinação de nossos pensamentos” (1 Crônicas 28:9), – o que responderemos no dia do julgamento se fraquejarmos neste estudo e deixarmos de cumprir a essência do que o Eterno, nosso Deus, espera de nós? Seria adequado que a nossa inteligência se dedicasse somente a especulações que não nos beneficiam, argumentações infrutíferas, leis que, para nós, não têm utilidade alguma, enquanto relegamos a cumprir apenas por hábito, de forma puramente mecânica, a demonstração de nossa gratidão pelo débito imenso que temos para com nosso Criador? Se não nos aprofundarmos e analisarmos as questões sobre o que constitui, de fato, o temor a Deus e suas derivações, como será possível consegui-lo e como poderemos escapar das futilidades terrenas que levam nosso coração a esquecê-lo? Não seriam facilmente esquecidas mesmo se reconhecêssemos sua importância?

Também quanto ao amor a Deus – se não dedicarmos esforços para implantá-lo em nosso coração, lançando mão de todos os meios que para ele nos possam direcionar, como pretender que exista em nós? Como ele poderá penetrar no âmago de nossa alma, voltando-a com ardor em direção ao Santíssimo – bendito seja! – e em direção à Sua Torá, se não nos conscientizarmos de Sua Grandiosidade e Majestade? Como poderão os nossos pensamentos ser purificados, se não nos esforçarmos para resgatá-los das imperfeições neles incutidas pela natureza física? O que dizer, então, acerca das virtudes de caráter, tão carentes de correção e aperfeiçoamento? Se a elas não nos dedicarmos com empenho e se não as sujeitarmos a rigorosa análise, quem poderá corrigi-las? Se tivéssemos analisado honestamente esta questão, não teríamos percebido a verdade e, assim, trazido benefícios para nós e para aqueles a quem instruísssemos sobre ela? Como dizia Salomão (Provérbios 2:4): “Se você o buscar como quem busca a prata e o procurar como quem procura um tesouro,

então você compreenderá o temor a Deus”. Ele não diz que “então você compreenderá a filosofia”; ou “então você compreenderá a medicina, a astronomia ou o direito legal”. Percebemos, então, que para que o temor a Deus seja compreendido, ele deve ser buscado tal como a prata, ou procurado como um tesouro. Isto faz parte de nossa herança e, em princípio, é aceito por cada pessoa devota.

Repito: será concebível encontrarmos tempo para o estudo de todos os assuntos, menos para este? Não poderíamos reservar ao menos algum tempo para a ele nos dedicarmos, embora obrigados a conceder maiores espaços para outros estudos ou tarefas? Nas Escrituras (Jó 28:28) está escrito: “Eis que (*Hen*) o temor a Deus é a sabedoria”. Os nossos Sábios – de abençoada memória – comentam (*Shabat* 31b): “A palavra ‘*Hen*’ significa ‘um’, ‘único’, e é proveniente do Grego”. Isto nos transmite a ideia de que o temor a Deus é uma manifestação singular de sabedoria. Entretanto, não pode ser considerado como sabedoria algo que não esteja vinculado a análises e estudos.

Portanto, compreendemos que estas questões requerem profunda análise, caso queiram ser verdadeiramente entendidas, e não apenas percebidas através da imaginação ou de suposições enganosas, principalmente se quisermos adquirir e reter este conhecimento. Ao ponderar sobre este tema, percebemos que a santidade não está ligada a noções simplistas, mas sim à perfeição verdadeira e à sabedoria profunda. É isto que Moisés, nosso mestre, que a paz esteja com ele, nos ensina ao dizer (Deuteronômio 10:12): “E agora, ó Israel, o que pede de ti o Eterno, teu Deus? Senão que O temas, que andes por Seus caminhos, ames e O sirvas, com todo o teu coração e com toda a tua alma; que guardes Seus mandamentos e Seus estatutos...”. Nesta frase se encontram todos os aspectos da perfeição no serviço Divino, realmente apropriados em relação ao Santíssimo, louvado seja. Ou seja: temer a Deus, caminhar por Seus caminhos, dedicar-lhe amor e devoção e cumprir Seus mandamentos (*Mitsvót*).

O “temor a Deus” denota o temor à Majestade do Santíssimo; temê-lo como temer-se-ia um poderoso rei, anulando-se a cada momento ante Sua grandiosidade, especialmente ao falar em Sua presença em oração ou ao engajar-se no estudo de Sua Torá.

“Trilhar seus caminhos” engloba tudo que está relacionado com o desenvolvimento e a correção dos predicados de caráter. Nossos Sábios – de abençoada memória – nos explicaram: “Assim como Ele é misericordioso, sede também misericordiosos...”. A essência desta frase sugere que devemos moldar nossas virtudes e características, bem como pautar todas as nossas ações por princípios de ética e justiça. Eles assim resumiram esta ideia (*Avot 2,1*): “Que caminho deve ser escolhido pelo homem? O que é, em si, digno a quem o pratica e conduz os outros a exaltar seu louvor...” ou seja, tudo o que conduz ao que é intrinsecamente bom, isto é, ao fortalecimento na Torá e ao desenvolvimento do sentimento de fraternidade.

“Amor” – Que amor pelo Eterno seja implantado no coração de cada um, para que se eleve sua alma e busque fazer o que agrada ao Santíssimo, assim como seu coração anseia por agradar seu pai e sua mãe. Zeloso será por este amor, regozijar-se-á por realizá-lo com plenitude, e sentir-se-á frustrado ante sua carência.

“Devoção” – que o serviço ao Eterno seja caracterizado pela pureza de intenção, e que sua finalidade seja somente servi-lo e nada mais. Que seu coração esteja inteiramente devotado ao serviço Divino, sem que seja mecânica sua observância ou dividida sua atenção.

O “cumprimento das *Mitsvót*”, como está explícito, é o cumprimento de todo o conjunto das *Mitsvót*, com todos os seus conteúdos, derivações e condições.

A BARAITA DO RABI PINCHAS

Para sua plena compreensão, estes princípios requerem uma interpretação mais detalhada. Nossos Sábios – de abençoada memória – agruparam estes elementos numa sucessão diferente, ordenando-os segundo a sequência em que devem ser conseguidos. Suas palavras estão contidas em uma *Baraita*, mencionada em diferentes lugares no Talmud, entre os quais o capítulo “Antes de suas festas” (*Avodá Zará 20b*): “nela se baseou o Rabi Pinchas ben Iair para afirmar: ‘A Torá leva à precaução e esta conduz à dedicação; a dedicação leva à integridade e esta conduz à separação; a separação leva à pureza e esta conduz à devoção; a devoção leva à humildade e esta conduz ao temor pelo pecado; o temor pelo pecado

leva à santidade e esta conduz à Inspiração Divina que, por sua vez, nos conduz à Ressurreição dos Mortos”.

Foi baseado nesta *Baraita* que assumi a tarefa de compor a presente obra, não só para minha melhor compreensão, mas também para poder recordar a todos as condições necessárias para aperfeiçoar o serviço Divino, evoluindo de etapa em etapa. Tentarei explicar a natureza de cada uma delas, seus detalhes, os obstáculos que se interpõe para nos impedir de alcançá-las e como ultrapassá-los de modo que, tanto eu quanto todos que lerem este trabalho, possam aprender a temer o Eterno e a não esquecer nosso deveres para com Ele. Sua leitura e estudo alcançarão nossa consciência e nela imprimirão o sentimento dos deveres que nos cabem cumprir.

Possa o Eterno acolher com benevolência nossas aspirações e afastar os obstáculos que se possam antepor em nosso caminho para que em nós sejam atendidas as súplicas do Salmista, encantado pelo amor ao Eterno (Salmos 86:11): “Ensina-me Teu caminho, ó Eterno, para que eu possa andar sob Tua verdade e dedicar meu coração a temer somente Teu Nome”.

Amén – seja feita a Sua vontade.